

**NHÔ GUIMARÃES, DE ALEILTON FONSECA
A CRÍTICA GENÉTICA
NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ROMANCE**

Adna Evangelista Couto dos Santos (UEFS)
adnacouto@gmail.com

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (UEFS)
rcrqueiroz@uol.com.br

1. Primeiras palavras

Desde as manifestações mais primitivas, que eram chamadas de pictografias ou imagens simbólicas, até os mais complexos textos na era digital, a produção escrita passa a ser um referencial de progresso das sociedades, e esta conseqüentemente, percorreu um longo caminho de desenvolvimento até os dias atuais.

Ao longo dos tempos os escritores passaram a produzir suas obras e alguns deles a guardarem tudo que escreviam. Nessa perspectiva da escrita e da construção de textos, pode-se fazer a seguinte reflexão: se um livro pudesse falar através da linguagem verbal, sobre tudo que passou até chegar à estante de uma livraria, poderia dizer as etapas que o escritor percorreu até que ficasse pronto, falaria de todas as alterações que sofreu, o que se perdeu no meio do caminho, os textos que estavam nele e depois foram retirados. Os livros, no entanto, podem falar de outra forma, através das marcas que o escritor deixa nos seus textos, da linguagem que utiliza e do perfil que se forma por intermédio dos seus escritos.

Objetiva-se por meio desse trabalho, fazer uma leitura genética do processo de criação em *Nhô Guimarães* do escritor baiano Aleilton Fonseca, projetando uma visão mais ampla sobre o perfil do escritor, no que diz respeito à percepção do labor da escrita e das múltiplas possibilidades de produção que um texto pode apresentar. Utilizou-se como aporte teórico os fundamentos da filologia, que é a ciência dos textos, e da crítica genética, que visa compreender o processo de criação do texto até sua etapa final.

2. Aleilton Fonseca: uma breve apresentação

O escritor Aleilton Fonseca é um autor baiano da geração 80 (1980). Suas obras marcam esse período com textos que revelam uma ge-

ração de jovens autores com grande qualidade literária e forte representação acadêmica. Como amante das letras e da poesia, envereda-se pelo caminho da lírica e da produção de poemas, mas é como romancista que se destaca no cenário da literatura nacional e também internacional. Nasceu em Itamirim, hoje Firmino Alves – Bahia, em 21 de julho de 1959. É casado com Rosana Ribeiro Patrício e tem dois filhos, Diogo e Raul Fonseca. É poeta, ficcionista, ensaísta e professor universitário. Em 1963, sua família se fixou em Ilhéus – Bahia, onde o escritor viveu a infância e a adolescência, cursou até o primeiro ano do segundo grau, escreveu e publicou seus primeiros textos em jornais.

Em 1977 começa a publicar contos e poemas no *Jornal da Bahia*, de Salvador, tendo vencido três vezes o seu Concurso Permanente de Contos. Publica também no suplemento “A Tarde/Novela”, de *A Tarde*, jornal que tem circulação nacional.

Em Ilhéus passa a assinar a coluna “Entre Aspas”, no *Jornal da Manhã*. Em dezembro de 1977, aos 18 anos, sai sua primeira entrevista, no *Jornal da Bahia*, quando é apresentado por Adinoel Mota Maia como um novo escritor que surgia no sul da Bahia. Ainda neste ano, vence o prêmio de contos da Editora Grafipar, do Paraná. Mesmo sendo um escritor baiano e apaixonado por sua região, sua escrita ultrapassa os parâmetros “regionalistas”.

Percebe-se que suas obras privilegiam as experiências da vida. Isso faz com que a escrita se aproxime mais do leitor. Essa característica permite uma forte interação entre o leitor e a obra, facilitando, conseqüentemente, o processo comunicativo que deve existir na leitura de textos. A citação seguinte destaca outra característica significativa do escritor, que é sua habilidade vocabular, como se apropria das palavras e as apresenta com um aparente prazer de entendimento e aplicação, a maneira como relaciona determinadas palavras a lembranças de sua infância, episódios e até fisionomias é digna de ressalva.

É sintomático, também, que o contista Aleilton conjugue numerosas vezes o verbo escavar e os substantivos que lhe estão associados. Ao escavar, ele seleciona palavras e as saboreia. O contista as toma no paladar, sente-lhes o gosto, o peso, o nível de expressão. Há nesse conúbio com as palavras um prazer por assim dizer sensual. O escritor escava lembranças, que se identificam através de palavras, escava rostos e episódios da infância – e essa garimpagem permanente lhe rende histórias (vai esse termo, para mim preferível a estórias) dignas de reflexão. (PÓLVORA, 2005, p. 4)

A linguagem de Aleilton Fonseca é acessível ao leitor, os enredos são simples, não no sentido de simplórios, mas no sentido de próximos do leitor. Henrique Wagner, poeta e contista, reforça esse pensamento na citação abaixo:

A prosa de Aleilton Fonseca tem muito da simplicidade e do lirismo de um dos ganhadores do Nobel de Literatura, o japonês Iasunari Kawabata, premiado em 1968. Dele nos lembramos em vários momentos da leitura de *O desterro dos mortos*. Sua primazia pelo que pode ativar, em sentimentos, determinada palavra, em contraposição ao preciosismo com as frases ordenadas, é um dos elos entre os dois escritores [...]. Dois mandamentos, dentre outros, são visíveis na prosa do escritor baiano: “Não comece a escrever sem saber aonde ir. Em um conto as três primeiras linhas têm quase a mesma importância que as três últimas” e “Se quiseres expressar com exatidão esse fato: um vento frio soprava do rio, não há na linguagem humana palavras mais exatas que essas. “Seja dono de tuas palavras sem te preocupares com tuas dissonâncias”. Autor voltado para a tradição do conto sem mofo, Aleilton ousa permanecer. Dá sobrevida aos clássicos, aos grandes mestres da estética. (WAGNER, 2005, p. 4)

As observações do contista Wagner (2005) se voltam para a linguagem simples, intimista e acessível, para a veracidade dos enredos e também para a maneira como o autor saboreia as palavras e compartilha esse prazer da escrita com o leitor. Mostram um escritor que prioriza a exatidão das palavras e a objetividade ao expressá-las. Essas características mostram um perfil que se traça ao longo de sua carreira como escritor.

Desde 2005, Aleilton Fonseca pertence à Academia de Letras da Bahia, ocupando a cadeira de número 20. Sua posse aconteceu no dia 15 de abril. É coeditor de *Légua e Meia: Revista de Literatura e Diversidade Cultural* (Universidade Estadual de Feira de Santana).

Entre as várias homenagens que recebeu quanto completou 50 anos, em 2009, na Bahia foi homenageado pelo Instituto de Letras – UFBA, através de um seminário sobre sua obra intitulado: “Trajetória Criativa: 50 anos de Aleilton Fonseca”. Essa homenagem foi uma atividade que fez parte do projeto de pesquisa “Migrações: o Escritor e Seus Múltiplos”, do qual Fonseca é um dos escritores estudados. Entre algumas premiações literárias estão o Prêmio Nacional Herberto Sales (contos), da Academia de Letras da Bahia, em 2001, e o Prêmio Marcos Almir Madeira, da União Brasileira de Escritores/RJ, em 2004.

Sua obra completa é composta de 23 publicações entre as quais destacam-se *Movimento de Sondagem* (1981), seu primeiro livro publicado, que recebeu prestígio do saudoso Carlos Drummond de Andrade.

A seguir, a figura com a transcrição diplomática da carta enviada por Drummond a Aleilton Fonseca e a carta original escaneada.

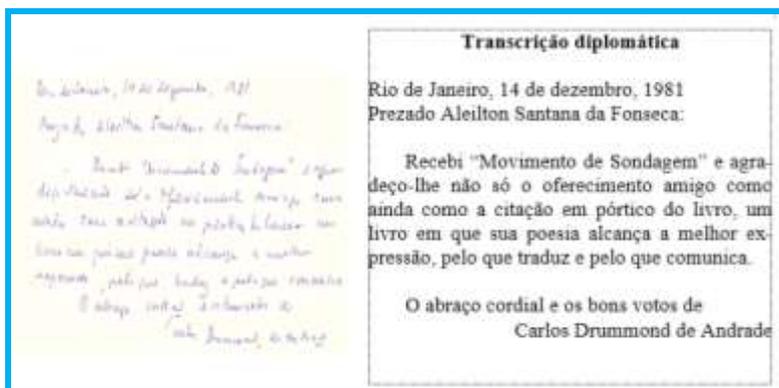


Figura 1 – Carta enviada por Carlos Drummond de Andrade a Aleilton Fonseca e Transcrição diplomática

Destaca-se ainda *Jáu dos bois* (1997), *O Desterro dos Mortos* (2001, 2. ed. 2010, 3. ed. 2012), *O Canto de Alvorada* (2003) e *Nhô Guimarães* (2006), que é a obra escolhida para análise neste trabalho. Este livro é uma narrativa em prosa que apresenta em seu contexto principal uma homenagem ao escritor João Guimarães Rosa, no cinquentenário de *Grande Sertão: Veredas*. É um romance audacioso, completo e independente, pois transcende a homenagem e ganha vida própria. Aleilton Fonseca trabalha a linguagem de forma imaginativa e cria uma personagem que, ao narrar histórias e “causos” em boa parte inspirados no imaginário popular brasileiro e no vasto universo rosiano, relembra seu velho amigo Nhô Guimarães. (SANTOS, 2011, p. 133). O livro consta de 176 páginas e foi publicado pela Editora Bertrand Brasil. O autor cria essa narradora do cotidiano, simples e experiente ao mesmo tempo, que conta o sertão do seu terreno.

A obra de Aleilton Fonseca extrapola os limites nacionais e também recebe destaque no exterior. No ano de 2008, o escritor publicou o livro *Les Marques du Feu et Autres Nouvelles de Bahia*³¹, em Paris, pela Editora Lanore, que foi traduzido pelo jornalista Dominique Stoenesco. O lançamento foi feito na Universidade de Toulouse Le Mirail (França).

³¹Em português significa *As marcas de fogo e outras novelas da Bahia*.

Atualmente, Aleilton Fonseca é membro da Academia de Letras da Bahia, ocupando a cadeira número 20. É também professor universitário do Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), estando assim em constante atividade intelectual. Sua obra mais atual intitula-se *Melhores poemas de Sosígenes Costa* (2012).

3. *Os textos literários, a filologia e a crítica genética*

A filologia é uma ciência que dialoga com muitas outras ciências, a linguística, a sociologia e principalmente a literatura. Segundo José Pereira da Silva (2009, *on-line*), a filologia concentra a sua atenção nos textos literários de uso repetido e pode ser chamada de ciência da literatura. De acordo com Queiroz e Teixeira

Os textos literários recriam fatos do cotidiano, pois o autor narra acontecimentos que marcam uma determinada época, deixando desenhados nos seus escritos perfis sociais, políticos e culturais de um povo, de uma região, particularizando-os, singularizando-os, distinguindo-os dos demais povos ou regiões. [...] No fazer literário, estão presentes imaginação, seleção, organização e imitação das ações humanas. O ponto de partida para esse fazer são os acontecimentos do mundo real. (QUEIROZ; TEIXEIRA, 2008, p. 127)

A literatura pode ser considerada como um discurso de inúmeras possibilidades da existência humana e, por isso a filologia necessitou acompanhar os avanços tecnológicos da sociedade e as variadas formas nas quais o texto pode se apresentar. A crítica textual objetiva o estabelecimento do texto, a genética sua reconstrução e interpretação do processo de criação, ou seja, os rumos tomados, e também as alterações feitas para a criação de uma obra. Se a filologia se preocupa com o texto, a genética visa o que se denominou de prototexto, que seria o conjunto de documentos que precedem o texto (notas de leitura, cópias impressas, rascunhos, provas corrigidas, projetos, cópias passadas a limpo, testemunhos da obra). Sobre essa perspectiva de prototexto Grésillon (2009) afirma que

Todos esses documentos têm em comum o fato de precederem o texto, de serem escritos antes do texto. Eis o motivo dos geneticistas terem adotado o termo prototexto, proposto em 1972 por Jean Bellemín-Noel em sua obra fundadora *O texto e o prototexto*. Essa noção fazia sistema com a série terminológica ligada à palavra “texto”, foco central da teoria do texto; em conexão com a série “pós-texto”, “intertexto”, “paratexto”, “hipertexto”. O termo “prototexto” tinha uma imensa vantagem: ele salienta ao mesmo tempo a radical diferença entre o que é e o que não é (ainda) texto. (GRÉSILLON, 2009, p. 43)

O avanço nas teorias e áreas de pesquisa é inevitável, e com certeza os filólogos, críticos e geneticistas estão e estarão sempre encontrando as melhores formas para usufruir das novas metodologias de pesquisa, adequando-as ao material que tem em mãos para trabalhar ou analisar. Willemart (1999, p. 202) afirma que a filologia não está, portanto, a serviço da crítica genética ou vice-versa, mas os dois campos iluminam e esclarecem o texto publicado.

O interesse principal da crítica genética se volta para o processo criativo artístico. É um tipo de investigação que indaga a obra de arte a partir de sua fabricação, de sua gênese. O grande questionamento dessa ciência é: como uma obra literária é criada? A crítica genética objetiva responder a essa pergunta através da análise de documentos adquiridos através das próprias mãos do escritor, e que não passaram por processos de publicação. Dessa forma, objetiva-se também compreender os mecanismos de produção, elucidar os caminhos seguidos pelo escritor e entender o nascimento da obra, ou seja: investiga a gênese da obra literária. Essa análise do processo criativo literário se realiza a partir das marcas deixadas pelo escritor ao longo desse caminho.

4. Análise dos movimentos genéticos em *Nhô Guimarães*

Para que fique claro como se deu a realização desse trabalho de análise do processo criativo, faz-se necessário uma descrição dos documentos que utilizamos para tal. O material completo para a realização da pesquisa e análise do processo de criação do romance é composto por oito testemunhos digitoscritos, todos autógrafos e um impresso (o livro publicado). Os oito testemunhos, exceto o livro, estão todos digitados, materializados em impressora digital e encadernados, apresentando, porém, algumas anotações manuscritas feitas pelo autor, que serão analisadas e mostradas no decorrer do trabalho. Foram nomeados como: **A, B, C, D, E, F, G e H**. A sequência dos testemunhos foi definida pela ordem de produção com ajuda do escritor e através das próprias marcas deixadas nos documentos. Sendo esse trabalho um recorte de minha dissertação de mestrado, selecionou-se para exemplificar uma das etapas do processo criativo do romance, o final do capítulo 1, no TC, onde aparece uma indicação de alterações significativas e determinantes para o formato final do texto de NG, excepcionalmente na criação e sequência dos capítulos.

As análises que se seguem, mostram uma parte do processo de criação e definição final do capítulo 3 do romance. Foi possível perceber

que uma anotação manuscrita do autor, anunciando o deslocamento, que seria um elemento significativo e transferido de um lugar do enunciado para outro, por avanço ou recuo (DUARTE, 1993), do 1º parágrafo do capítulo 3 para o final do capítulo 1, no TC, desencadeia uma série de modificações no texto e também na configuração dos capítulos, mostrando a supressão de determinadas partes do texto e posteriormente a retomada delas, como também alterações que nos permitiram visualizar o texto em movimento e a dinâmica do processo de criação de Aleilton Fonseca. De acordo com Duarte (1993, p. 20), a supressão representa o negativo do acrescentamento, é o neutralizador, a força centrípeta redutora que contrabalança com a força centrífuga constituída pelo acrescentamento enquanto tendências para expansão de um núcleo frásico em novos significados e valores.

Antes de mostrar a anotação manuscrita, a qual se fez referência ao parágrafo anterior e que está no TC, é necessário visualizar o trecho, anteriormente comentado, no TA e no TB. O capítulo 1, do TA, apresenta seis parágrafos, sendo que o último preencheu toda a folha 4 e ainda ultrapassou 2 linhas para a folha 5. Essa configuração de parágrafos já é modificada a partir do TB em diante, pois o autor utiliza um padrão de parágrafos menores, que favorece consideravelmente a estética do texto e sua compreensão, tornando também a leitura mais leve e agradável. A seguir os fac-símiles

1

— Nhô Guimarães por aqui? Há quanto tempo! Ah, não. Nsh, Nsh! Não é ele, não. Mas, quem é o senhor? Não diz? Assim mesmo, apcie. Chegue à frente, a casa é nossa. Não se preocupe, o cachorro late, mas não morde, é muito mansinho com os bem-vindos. É só eu olhar, que já fica quieto, ele obedece. Entre, eu já lhe dou um copo de água fresca. Venha ver que a melhor é essa do pote de barro, dos antigos, que ainda tenho. Apriece. Esses caminhos andam numa poeira danada, essa secura, sem chuvas. Isto eis o sertão.

Eu, de primeiro, assim, confundi o senhor com outra pessoa. Mas não tem cabimento. De perto, se vê que o senhor é bem mais moço. E já faz tanto tempo! A vontade faz a gente ver é coisa! Era muito nosso amigo. Ele vinha num cavalo como o seu, com a mesma poeira dessa estrada. Eu e meu marido Manuel Adeodato, a gente vivia esperando ele voltar para uma visita mais. Mas cadê que veio? Nada. O tempo foi indo, assim passando, de mansinho. Manu ficando velhinho, com pouco lá se foi dessa pra melhor. Eu fiquei sozinha, neste pé de serra. É verdade: ninguém fica pra semente, pois não é?

Nhô Guimarães nunca mais que veio. Mas seguimos na espera, de tocaia, que ele tinha prometido a visita. E promessa não é trato? Manu tinha esse desejo, viveu no aguardo. Estou na minha vez de cumprir.

Mas, quem é o senhor, assim tão moço, por estas bandas? Pela poeira do chapéu, veio de uma viagem comprida; seu cavalo tão suado. Não se avexe, descanse. Eu vi o senhor chegando, pensei, é ele. Parecia, mas logo cai em mim que não era. Até sua montaria se parece com a dele; aliás, nem sei direito, que meus olhos se arruinaram muito. O tempo passa, vai roendo a gente de pouco em pouco; um dia, lá se vai mais um para a eternidade. E tem jeito?

Agora, pronto: tenho precisão de lhe contar a estória mais comprida. Venha, se acomode. Quer mais um gole? Olhe, vou coar um café novo. O senhor é tão moderno, que benza Deus! Enquanto a água ferve, vá me escutando. Não me custa uns dedos de prosa. Como se fosse com ele, nos tempos bons. A-hã?...

Figura 2 – Fac-símile do Cap. 1, f. 3, de TA

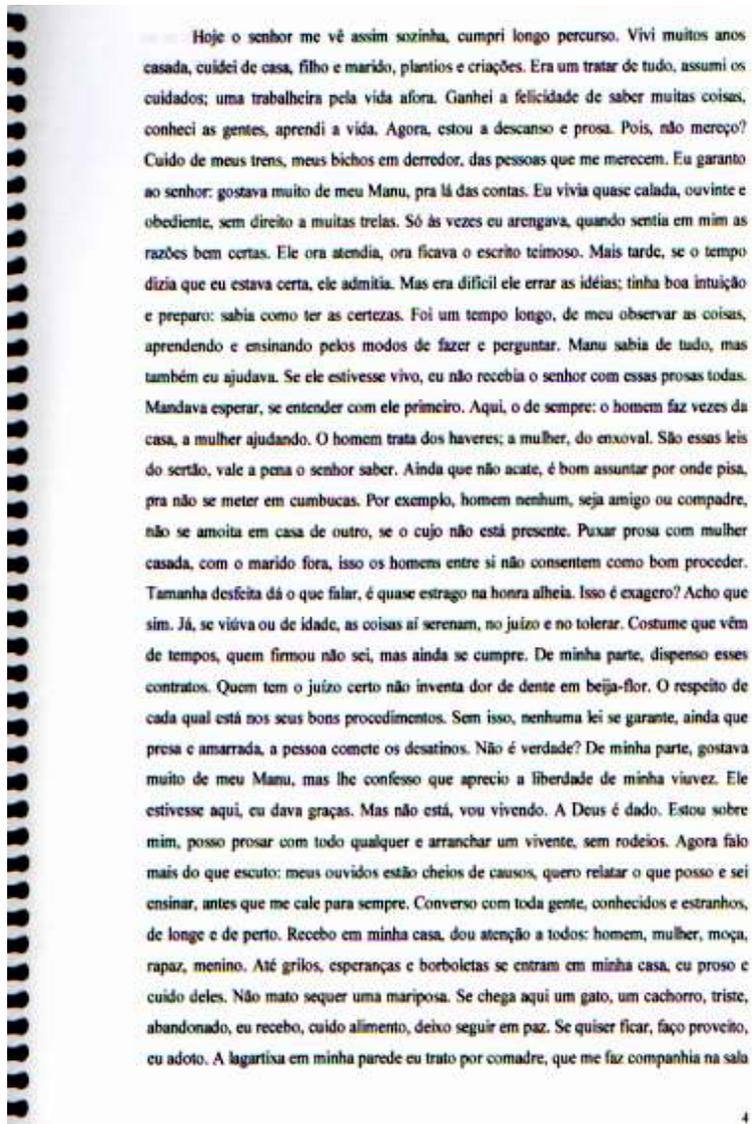


Figura 3 – Fac-símile do Cap. 1, f. 4, de TA

O parágrafo 6, de TA, foi dividido em três, em TB. A primeira separação ocorre logo após o trecho: “[...] aprendendo e ensinando pelos modos de fazer e perguntar”. Vale ressaltar que dentro desses novos pará-

grafos existem muitas alterações significativas de TB para TC. O texto no TA que corresponderia supostamente ao parágrafo 7 criado no TB seria o seguinte:

[...] aprendendo e ensinando pelos modos de fazer e perguntar. Manu sabia de tudo, mas também eu ajudava. Se ele estivesse vivo, eu não recebia o senhor com essas prosas todas. Mandava esperar, se entender com ele primeiro. Aqui, o de sempre: o homem faz vezes da casa, a mulher ajudando. O homem trata dos haveres; a mulher, do enxoval. São essas leis do sertão, vale a pena o senhor saber. Ainda que não acate, é bom assuntar por onde pisa, pra não se meter em cumbucas. *Por exemplo, homem nenhum, seja amigo ou compadre, não se amoita em casa de outro, se o cujo não está presente. Puxar prosa com mulher casada, com o marido fora, isso os homens entre si não consentem como bom proceder. Tamaña desfeita dá o que falar, é quase estrago na honra alheia.*³² Isso é exagero? Acho que sim. Já, se viúva ou de idade, as coisas aí serenam, no juízo e no tolerar. Costume que vêm de tempos, quem firmou não sei, mas ainda se cumpre. De minha parte, dispenso esses contratos. Quem tem o juízo certo não inventa dor de dente em beija-flor. O respeito de cada qual está nos seus procedimentos. Sem isso, nenhuma lei se garante, ainda que presa e amarrada, a pessoa comete os desatinos. (grifo nosso)

Em TB não existe nenhuma anotação manuscrita, mas o texto foi modificado e ficou da seguinte forma

[...] aprendendo e ensinando pelos modos de fazer e perguntar.

Se Manu fosse vivo, o senhor ia se entender bem com ele. O homem faz vezes da casa, a mulher sempre ajudando. Tratam dos haveres e do enxoval. São essas leis do sertão, vale a pena saber. Ainda que não acate, é bom assuntar por onde pisa, pra não se meter em cumbucas. Talvez seja exagero. São costumes que vêm de tempos, quem firmou não sei, muitos ainda cumprem e confirmam. De minha parte, sempre dispensei estes acertos. Quem tem juízo certo não inventa dor de dente em beija-flor. O respeito de cada qual está nos seus fazeres e procedimentos. Sem juízo, nenhuma lei se garante. Mesmo presa e amarrada a pessoa comete os desatinos.

Logo na primeira mudança de parágrafo, em TB, ocorre a supressão do período “Manu sabia de tudo, mas também eu ajudava”, em seguida a expressão “Se ele estivesse vivo, eu não recebia o senhor com essas prosas todas. Mandava esperar, se entender com ele primeiro.” é substituída por “Se Manu fosse vivo, o senhor ia se entender bem com ele”. Na sequência ocorre a supressão de “Aqui, o de sempre:” e o acréscimo da palavra “sempre” entre “a mulher ajudando”. A expressão “O homem trata dos haveres; a mulher, do enxoval” é substituída por “Tratam dos haveres e do enxoval”. No trecho “vale a pena saber”, ocorre a supressão de “o senhor”. Em TA a pergunta “Isso é exagero?”, seguida

³² Trecho suprimido em TB

da afirmativa “Acho que sim” parece receber uma nova possibilidade de resposta, uma incerteza em TB, ao ser substituída pela expressão “Talvez seja exagero.” Tem-se a sensação de que os textos dialogam uns com os outros.

Por fim, ocorre a supressão da expressão “Já, se viúva ou de idade, as coisas aí serenam, no juízo e no tolerar”, uma alteração de termos no singular para expressões no plural. Em TA, o trecho “Costume que vêm de tempos, quem firmou não sei, mas ainda se cumpre.”, aparece em TB assim: “São costumes que vêm de tempos, quem firmou não sei, muitos ainda cumprem e confirmam. A expressão “dispensar esses contratos” é substituída por “sempre dispensei estes acertos”. O termo “bom” é substituído por “fazer” seguido do acréscimo da conjunção aditiva “e”. Ocorre também a substituição da expressão “Sem isso” por “Sem juízo” e do termo “ainda que” por “Mesmo”.

O texto de TC se mantém da mesma forma que o de TB, porém as alterações manuscritas, a tinta azul, podem ser identificadas. É a partir dele que se observa o deslocamento e a supressão que indicam as mudanças na sequência dos capítulos, em especial o capítulo 3, no texto final do romance.

No parágrafo 3, na folha 4 (que equivale ao parágrafo 7 do capítulo 1, em TC), as alterações foram as seguintes:

[...] aprendendo e ensinando pelos modos de fazer e perguntar.

Se Manu fosse vivo, o senhor ia se entender bem com ele. O homem faz vezes da casa, a mulher sempre ajudando. Tratam dos haveres e do enxoval. São essas³³ leis do sertão, vale a pena saber. Ainda que não acate, é bom assuntar por onde pisa, pra não se meter em cumbucas.³⁴ *Talvez seja exagero.*³⁵ São costumes que vêm de tempos, quem firmou não sei, muitos ainda cumprem e confirmam.³⁶ De minha parte, sempre dispensei estes acertos. Quem tem juízo certo não inventa dor de dente em beija-flor. *O respeito de cada qual está nos seus fazeres e procedimentos. Sem juízo, nenhuma lei se garante. Mesmo presa e amarrada a pessoa comete os desatinos* (grifo nosso).³⁷

³³ As três primeiras letras do pronome demonstrativo “essas” foram riscadas, restando apenas “as”

³⁴ Na entrelinha dessa palavra ocorre o acréscimo do termo “barulhos”, escrito à tinta azul, correção feita pelo autor.

³⁵ O autor sublinha essa expressão à tinta azul, partindo dela se fez um risco como uma espécie de seta, como se houvesse a intenção de se fazer um deslocamento do termo.

³⁶ A seta que parte da expressão “Talvez seja exagero” para neste ponto.

³⁷ Esse trecho foi destacado pelo autor, à tinta azul.

A seguir os fac-símiles que permitem a visualização dessas alterações textuais.

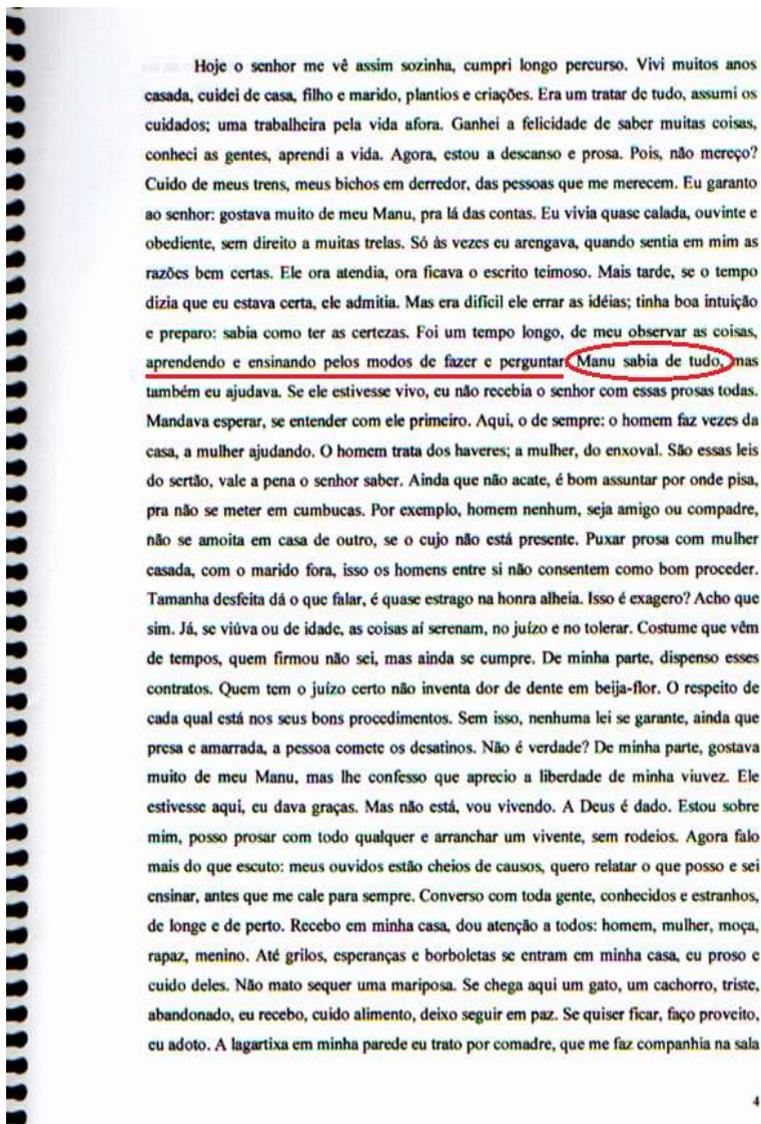


Figura 5 – Fac-símile da f. 4, em TA

Agora, pronto: tenho precisão de lhe contar a história mais comprida. Venha, se acomode. Quer mais um gole? Olhe, vou coar um café novo. O senhor é tão moderno, que benza Deus! Enquanto a água ferve, vá me escutando. Não me custa uns dedos de prosa. Como se fosse com ele, nos tempos bons. A-hã?...

Hoje o senhor me vê assim sozinha, cumpri longo percurso. Vivi muitos anos casada, cuidei de casa, filho e marido, plantios e criações. Era um tratar de tudo, assumi os cuidados; uma trabalhadeira pela vida afora. Sou feliz de saber muitas coisas, conheci as gentes, aprendi a vida. Agora, estou a descanso e prosa. Pois, não mereço? Cuido de meus trens, meus bichos em derredor, das pessoas que me merecem. Eu garanto ao senhor: gostava muito de meu Manu, pra lá das contas. Eu vivia quase calada, ouvinte e obediente, sem direito a muitas trelas. Só às vezes eu arengava, quando sentia em mim as razões certas. Ele ora atendia, ora ficava o escrito teimoso. Mais tarde, se o tempo dizia que eu estava certa, ele aceitava. Mas ele era difícil de errar as idéias; tinha boa intuição e preparo: sabia como ler os sinais das coisas. Foi um tempo longo, de observar de um tudo, aprendendo e ensinando pelos modos de fazer e perguntar.

Se Manu fosse vivo, senhor ia se entender bem com ele. O homem faz vezes da casa, a mulher sempre ajudando. Tratam dos haveres e do exoval. São essas leis do sertão, vale a pena saber. Ainda que não acate, é bom assuntar por onde pisa, pra não se meter em cumbucas. Talvez seja exagero. São costumes que vêm de tempos, quem firmou não sei, muitos ainda cumprem e confirmam. De minha parte, sempre dispensei estes acertos. Quem tem o juízo certo não inventa dor de dente em beija-flor. O respeito de cada qual está nos seus fazeres e procedimentos. Sem juízo, nenhuma lei se garante. Mesmo presa e amarrada a pessoa comete os desatinos.

Eu gostava muito de meu Manu, mas agora aprecio a liberdade de minha vivuez. Ele estivesse aqui, eu dava graças. Mas não está, vou vivendo. A Deus é dado. Estou sobre mim, recebo e arrancho todo qualquer vivente. Socorro os precisados. E eu falo muito, pois meus ouvidos estão cheios de causos. Quero relatar o que posso e sei ensinar, antes que um dia me cale para sempre. Converso com toda gente, conhecidos e estranhos, de longe e de perto. Recebo em minha

Figura 6 – Fac-símile da f. 4, em TB

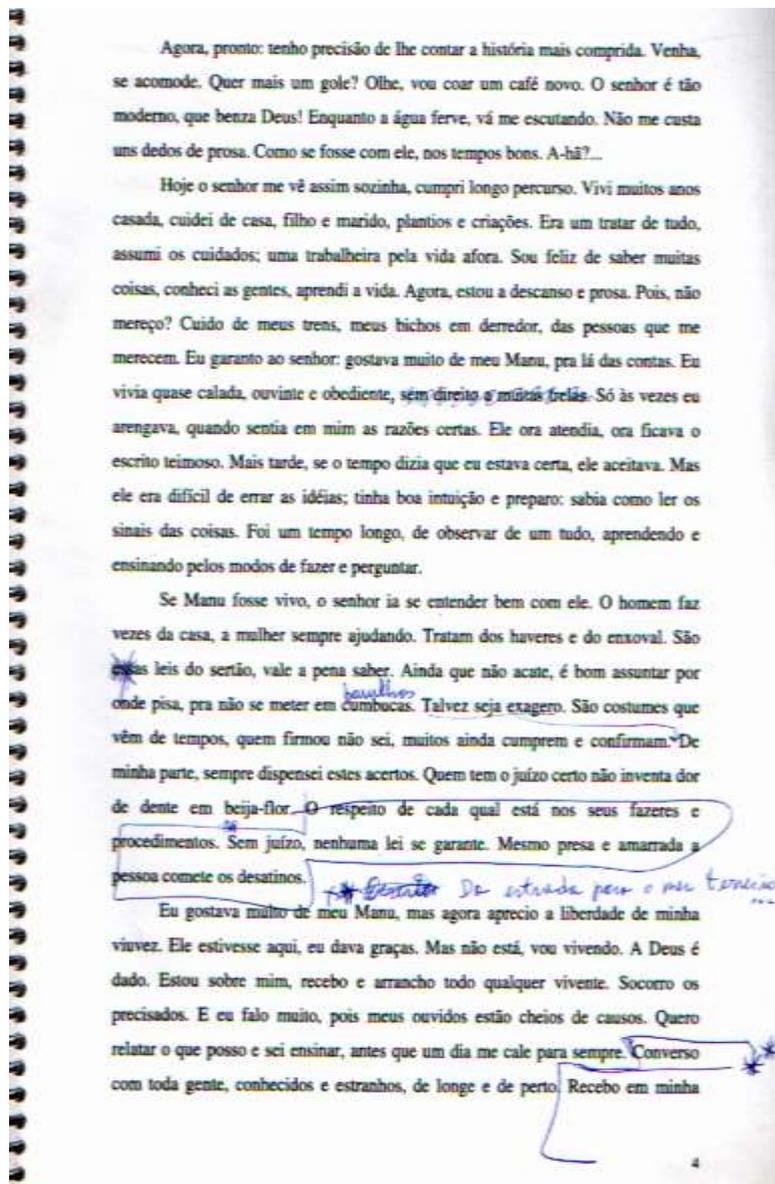


Figura 7 – Fac-símile da f. 4, em TC

Observou-se então no fac-símile da folha 4, em TC, ao final do 3º parágrafo da respectiva folha, uma anotação manuscrita que desencadeou uma série de alterações significativas para a configuração de NG, especialmente a definição do capítulo 3 do romance. Encontrou-se a seguinte expressão: ******(uma rasura ilegível) Da estrada para o meu terreiro... Essa anotação, inicialmente poderia ser interpretada como um acréscimo, mas na verdade indica o deslocamento do 1º parágrafo do capítulo 3 para o final do capítulo 1.

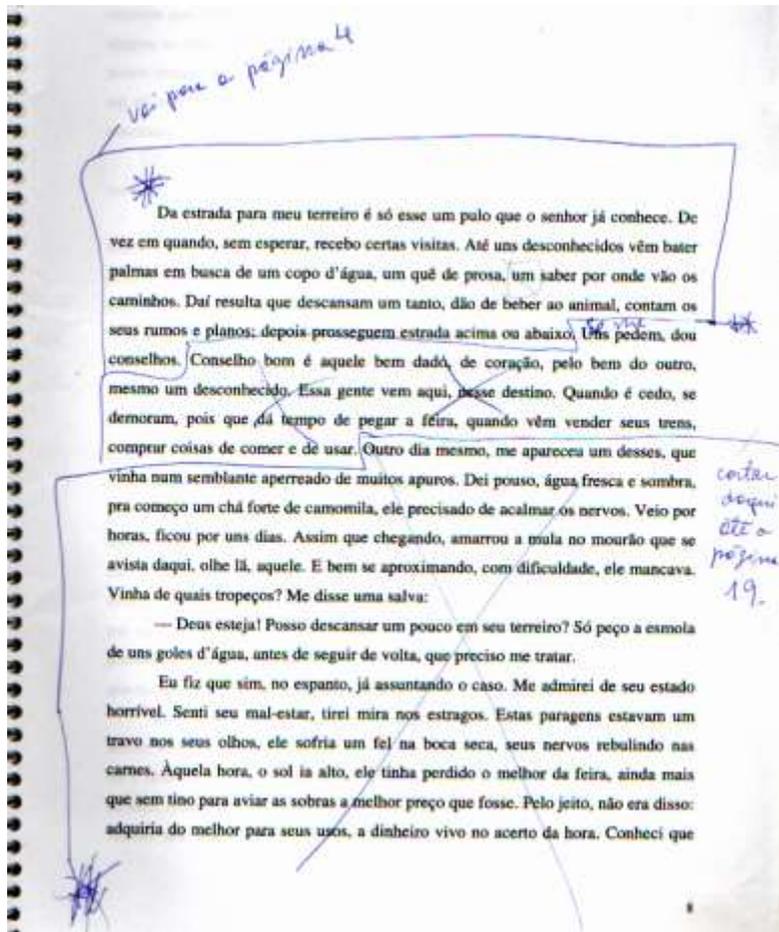


Figura 8 – Fac-símile da indicação de deslocamento do parágrafo 1, do Cap. 3 para o final do Cap. 1, em TC

Ao final do capítulo 2, em TC, aparece outra anotação (na folha 7) que diz: “Daqui pula para a página 20” que se completa e é confirmada pela anotação manuscrita na margem direita da folha 8: “cortar daqui até a página 19”

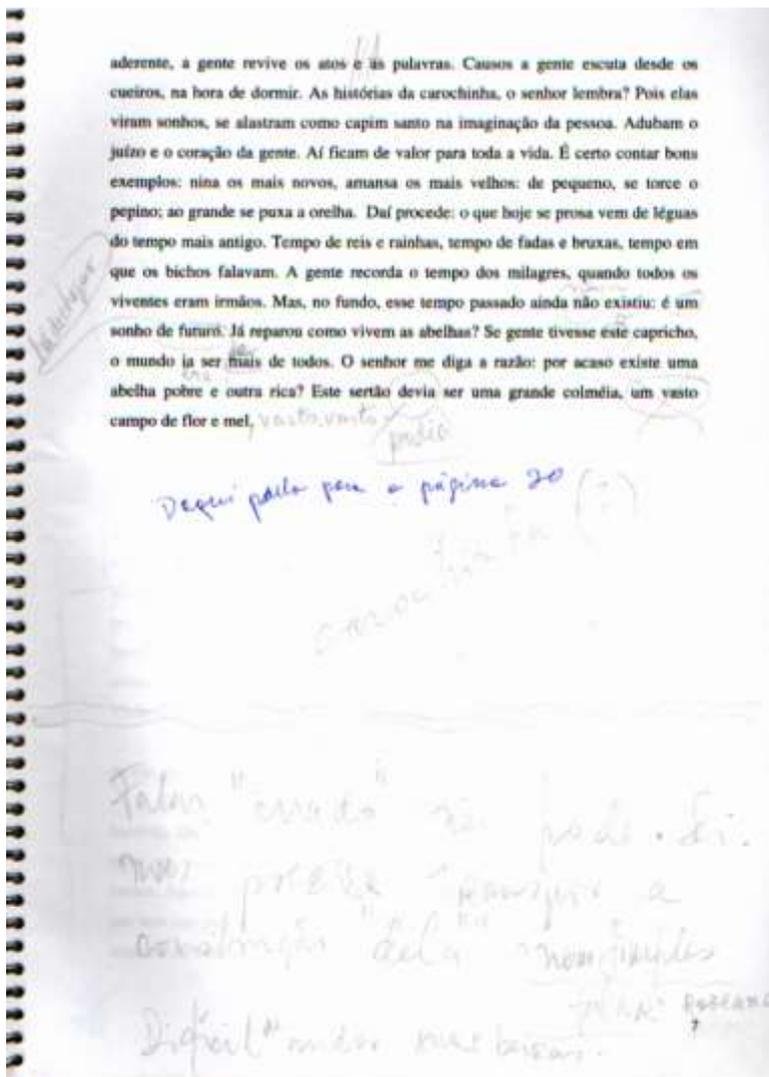


Figura 9 – Fac-símile do final do Cap. 2, f. 7, em TD; Cap. 1, em TC

Essas indicações de alteração são confirmadas em TD. Ocorre então que o texto do capítulo 3 (folhas 8 a 19), em TC, é suprimido em TD, exceto o parágrafo 1, que foi deslocado para o final do Cap. 1 (último parágrafo), em TD.

Hoje o senhor me vê assim sozinha, cumpri longo percurso. Vivi muitos anos casada; cuidei de casa, filho e marido, plantios e criações. ^{Eu gostava} Era um tratar de tudo, assumi os cuidados; uma trabalhadeira pela vida afora. Sou feliz de saber muitas coisas; ^{eu} conheci ^{gente} gente, aprendi a vida. Agora, estou a descanso e prosa. Pois, não mereço? Cuido de meus trens, meus bichos em derredor, das pessoas que me merecem. Eu garanto ao senhor: gostava muito de meu Manu, pra lá das contas. Eu vivia quase calada, ouvinte e obediente, sem direito a muitas trelas. Só às vezes eu arengava, quando sentia em mim as razões certas. Ele ora atendia, ora ficava o escrito teimoso. Mais tarde, se o tempo dizia que eu estava certa, ele aceitava. Mas ele era difícil de errar as idéias; tinha boa intuição e preparo: sabia como ler os sinais das coisas. Foi um tempo longo, de observar de um tudo, aprendendo e ensinando pelos modos de fazer e perguntar.

Se Manu fosse vivo, o senhor ia se entender bem com ele. O homem faz vezes da casa, a mulher ^(sempre) ajudando. Tratam dos haveres e do enxoval. São leis do sertão, vale a pena saber. Ainda que não acate, é bom assuntar por onde pisa, pra não se meter em barulhos. ~~Talvez~~ ~~é~~ Exagero. São costumes que vêm de tempos, quem firmou não sei, muitos ainda cumprem e confirmam. De minha parte, sempre dispensei estes acertos. Quem tem o juízo certo não inventa dor de dente em beija-flor.

Eu gostava muito de meu Manu, mas agora aprecio a liberdade da viuvez. Ele estivesse aqui, eu dava graças. Não está, vou vivendo. Estou sobre mim, recebo e arrancho todo qualquer vivente. Socorro os precisados. Eu falo, proso e relato, pois meus ouvidos estão cheios de acontecimentos. Quero relatar o que posso e sei ensinar, antes que um dia me cale para sempre.

Da estrada para meu terreiro é só esse um pulo que o senhor já conhece. De vez em quando, sem esperar, recebo certas visitas. Até uns desconhecidos vêm bater palmas em busca de um copo d'água, um quê de prosa, saber por onde vão os caminhos. Daí resulta que descansam um tanto, dão de beber ao animal, contam os seus rumos e planos; pedem conselhos. Depois prosseguem estrada afora.

Figura 10 – Fac-símile do final do Cap. 1, em TD; Cap. 1, em TC

Ao observar e analisar os movimentos genéticos de supressão, acréscimo, substituição e deslocamento em NG, foi possível visualizar toda a dinâmica de construção do texto. Esses tipos de correção são característicos de alterações feitas a partir de releituras do texto e de anotações em curso. De acordo com Duarte (1993, p. 18) a substituição, geralmente feita na entrelinha superior, acontece pelo fato de ser uma correção em terceira mão, ou seja, se separa do texto primitivo. É o que ocorre nos exemplos já comentados anteriormente no texto de NG, pois o escritor imprime primeiro o texto e depois procede com as alterações. O acrescentamento consiste na inserção de palavras ou frases no discurso já fixado pela escrita. Em NG, é predominante o acréscimo de frases e expressões, ao invés de apenas palavras. No entanto, são os movimentos de supressão e deslocamento que representam mais enfaticamente as marcas deixadas pelo autor, especificamente os deslocamentos e supressões de longos trechos.

5. Considerações finais

Por fim, ressaltamos a pertinência do trabalho, no qual se buscou, através da leitura genética dos movimentos mais frequentes no processo de criação do romance *Nhô Guimarães*, identificar a dinâmica de construção de um texto literário e as vertentes que influenciaram direta e indiretamente nesse processo criativo. Perceber a dinâmica de um texto e toda sua mobilidade é também ver a língua em movimento e as múltiplas possibilidades de interpretação que um estudo deste pode proporcionar. Para os críticos e amantes do texto essa é uma atividade de muita responsabilidade, mas também de muito prazer. Espera-se que através desse trabalho boas contribuições sejam dadas àqueles que investigam a ampla ciência da arte de lidar com textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUARTE, Luiz Fagundes. *A fábrica dos textos: ensaios de crítica textual acerca de Eça de Queiroz*. Lisboa: Cosmos, 1993. p. 67-68
- FONSECA, Aleilton. *Jaú dos bois e outros contos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- _____. *Melhores poemas de Sosígenes Costa* (seleção: 1901-1968). São Paulo: Global, 2012.

_____. *Nhô Guimarães*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. *O desterro dos mortos*. (Contos). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. [2 ed. Itabuna: Via Litterarum, 2010; 3 ed. Itabuna: Via Litterarum, 2012].

_____. *Movimento de Sondagem*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1981. Coleção dos Novos, v. 2 – Série poesia.

_____. *Les marques du feu et autres nouvelles de Bahia*. Trad.: Dominique Stoenesco. Paris: Lanore, 2008.

GRÉSILLON, Almuth. Crítica genética, prototexto, edição. In: GRANDO, Ângela; CIRILLO, José (Org.). *Arqueologias da criação*: estudos sobre o processo de criação. Belo Horizonte: Arte, 2009, p. 41-51.

PÓLVORA, Hélio. Andarilho por vocação. *A Tarde*, Salvador, 9 abr. 2005. *A Tarde Cultural*, p. 3-4.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro; TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. Contribuições da crítica textual para a literatura baiana. In: FONSECA, Aleilton (Org.). *O olhar de Castro Alves*: ensaios críticos de literatura baiana. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia; Academia de Letras da Bahia, 2008, p. 125-139.

SANTOS, Adna Evangelista Couto dos. *Nhô Guimarães*: proposta de edição crítica da obra de Aleilton Fonseca. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro (Org.). *Ensaio de crítica textual acerca de autores baianos*. Salvador: Quarteto, 2011.

SILVA, José Pereira da. *Crítica textual e edição de textos*. Disponível em: <<http://verveliteraria.blogspot.com/2009/05/critica-textual-e-edicao-de-textos.html>>. Acesso em: 10-11-2010.

WILLEMART, Philippe. *Bastidores da criação literária*. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 1999, p. 187-203.